



ENTRE TELAS E SABERES: O CINEMA E O MULTILETRAMENTO

O PRESENTE ARTIGO visa expor, através de um levantamento bibliográfico, a necessidade de um multiletramento no ambiente escolar, e discutir como o cinema pode contribuir para isso, sendo ele, ao mesmo tempo, um meio e também uma forma para concretizar tal prática.

É socialmente atribuído a pedagogos e, especialmente, a professores de língua portuguesa, o dever e o desafio de formar leitores. Porém, na contemporaneidade, essa prática exige do docente uma relação de grande intimidade com as novas tecnologias de informação e comunicação, as TICS, e com os meios multimidiáticos. A globalização cultural exige do educando e do educador não só o domínio de sua língua materna como também o domínio de linguagens presentes na cultura global, a exemplo do cinema e de seus desdobramentos digitais.

Para Belloni:

Os incríveis avanços técnicos em eletrônica, informática e redes vêm criando um novo campo de ação, novos processos sociais, métodos de trabalho, mudanças culturais profundas, novos métodos de



aprender e perceber o mundo (e, portanto de intervir nele), com repercussões significativas no campo da educação, a exigir transformações radicais nos métodos de ensino e nos sistemas educacionais!

É preciso, contudo, considerar os seguintes pressupostos: a) a leitura não se restringe apenas ao ato de juntar letras e sílabas para formar palavras, nem apenas ao ato de atribuir som à palavra escrita; ela vai além, chegando à fase de atribuição de significados, ou seja, produção de sentidos; b) desde a infância, os indivíduos possuem contato com a música, a fotografia, o cinema e outras formas de representação de mundo que possuem uma linguagem própria; c) as TICs trouxeram importantes e necessárias possibilidades de escolarização e multiletramentos. Logo, partindo desses pressupostos, cabe ao corpo escolar pensar didáticas e metodologias que contemplem as novas possibilidades de letramento.

A respeito disso, Orlandi afirma:

A convivência com a música, a pintura, a fotografia, o cinema, com outras formas de utilização do

som e com a imagem, assim como a convivência com as linguagens artificiais poderia nos apontar para uma inserção no universo simbólico que não é a que temos estabelecido na escola. Essas linguagens não são alternativas. Elas se articulam. É essa articulação que deveria ser explorada no ensino da leitura, quando temos como objetivo trabalhar a capacidade de compreensão do aluno,

Multiletramentos: novas ações e adventos

O dicionário Aurélio define o termo *letramento* como: "1. Ato ou efeito de lettrar(-se); 2. *Bras. Educ. Ling.* Estado ou condição de indivíduo que se utiliza da leitura e da escrita, ou de exercê-las como instrumentos de sua realização e de seu desenvolvimento social e cultural"³. Soares define o termo como "O estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva as práticas sociais que usam a escrita"⁴. Logo, o significado prático de letramento está bem mais voltado à utilidade do uso da leitura e da escrita para a efetiva concretização da cidadania.

A relação cinema/educação vai muito além do campo da educação formal e escolar. O cinema é uma representação do real que precisa ser lida e compreendida.

Um novo conceito de letramento surge a partir do momento em que se percebe o predomínio de sons, imagens e outras linguagens na mídia e na cultura mundial, com as novas possibilidades pedagógicas introduzidas por elas no âmbito escolar.

É importante esclarecer que, segundo Rojo, o prefixo “multi”, quando adicionado ao termo letramento, não restringe o seu significado às múltiplas práticas de leitura e escrita. Para ela, as práticas de letramento envolvem tanto a multiplicidade de linguagens, semioses e mídias envolvidas na criação de significação para os textos multimodais quanto também a pluralidade e diversidade cultural trazidas pelos autores/leitores contemporâneos a essa criação de significação⁵.

As novas linguagens, introduzidas pelo avanço tecnológico, têm caráter multissemiótico e multimodal, pois são compostas por múltiplos elementos linguísticos (verbais e não verbais) e exigem uma capacidade elevada de compreensão e significação por parte do seu público, seja ele leitor ou espectador. Dessa forma, surge a necessidade de inserir o aluno em uma nova prática de letramento, que o torne capaz de compreender com clareza as semioses dos discursos existentes.

O multiletramento torna-se, assim, uma prática necessária para a efetiva formação de sujeitos críticos, éticos, e aptos a atuar na sociedade na qual estão inseridos. Com isso, os docentes estariam contribuindo não apenas para o sucesso escolar de seus alunos, mas

também para uma prática social pautada na conectividade e interatividade exigidas pela cultura vigente.

O cinema em sala de aula: luz, câmera, educação

A experiência cinematográfica precisa ser melhor aproveitada na escola, pois, desde o seu surgimento, o cinema tem sido usado como uma forma de educar e instruir. Contudo, a relação cinema/educação vai muito além do campo da educação formal e escolar. O cinema é uma representação do real que precisa ser lida e compreendida.

É nesse sentido que se percebe o quão necessária é a atuação da escola na formação de indivíduos críticos e conscientes de seu papel social. Para Franco, a escola “não deve competir com a mídia, mas travar com ela um jogo dialético”⁶. Outro fato que não pode ser desprezado é a ludicidade dos meios audiovisuais e o encantamento que estes provocam em seu espectador.

A respeito disso, Moran afirma:

A criança também é educada pela mídia, principalmente pela televisão. Aprendem a informar-se, a conhecer – os outros, o mundo, a si mesmo – a sentir, a fantasiar, a relaxar, vendo, ouvindo, tocando as pessoas na tela, que lhe mostram como viver, ser feliz e infeliz, amar e odiar. A relação com a mídia eletrônica é prazerosa – ninguém obriga – é feita através da sedução, da emoção, da exploração sensorial, da narrativa

– aprendemos vendo as estórias dos outros e as estórias que os outros nos contam. Mesmo durante o período escolar a mídia mostra o mundo de outra forma – mais fácil, agradável, compacta – sem precisar fazer esforço⁷.

Ao utilizar-se do cinema em sala de aula, o professorialia à sua metodologia o componente lúdico. Porém, tal prática exige do docente um conhecimento prévio da linguagem cinematográfica. Logo, um filme não deve ser exposto de forma meramente ilustrativa. Faz-se, então, necessária uma metodologia que vise à educação do olhar.

Para Napolitano:

A sala de aula já vem incorporando e sofrendo a intervenção dos meios de comunicação de massa com a utilização de jornais, revistas, programas de televisão. Porém, é preciso ver que esses meios podem ser considerados como salas de aula, como espaços de transformação de consciência, de aquisição de conhecimentos; que eles dependem de uma pedagogia crítica e que o sucesso dessa pedagogia crítica depende de como vamos ver e ouvir os produtos da indústria cultural⁸.

Morin, ao estudar os mecanismos da cognição humana, com os quais o homem abstrai a realidade para representá-la no pensamento, identifica um processo psicológico de projeção/identificação na relação que o espectador estabelece com as imagens cinematográficas⁹.



O fim do recreio

Sobre isso, Araujo e Voss afirmam:

A linguagem cinematográfica é exemplar para demonstrar como o processo cognitivo acontece, especialmente para a relação ensino e aprendizagem em sala de aula. Esse processo é a base para um conhecimento que reconhece no outro um compartilhar de sentimentos, afetos, emoções, necessidades vitais, etc., dado justamente o realismo imaginário, que institui a linguagem cinematográfica. É por isso que o cinema, por manipular psicologicamente o espectador, provoca tais processos e pode se constituir, pedagogicamente, em um acionador cognitivo, para consolidar, gramatical e semanticamente, o aprendizado de um idioma que extrapola a mera memorização de palavras e expressões linguísticas¹⁰.

Propõe-se, então, o cinema como uma forma de multiletramento devido às semioses de seu discurso, que favorece aos alunos um processo de identificação e projeção da experiência audiovisual, com capacidade de acionar um melhor processo cognitivo, possibilitando a aprendizagem não somente de uma língua, mas de valores e culturas representadas em tela.

Considerações finais: a criança, o cinema e o objetivo da formação

Sabe-se que a prática tradicional do ensino da leitura tende a abafar o aprendiz, tornando a leitura de textos literários demasiadamente cansativa para jovens que possuem, ao alcance das mãos, dispositivos capazes de responder, em segundos, aos questionamentos que

um livro lhes transmitiria em muitas páginas. Logo, formar um leitor hoje é um desafio que extrapola o ambiente escolar. O desafio é incentivá-lo a fazer uso da leitura e da escrita de forma que estas lhe propiciem uma prática cidadã consciente e crítica.

Sugere-se aqui uma forma eficiente de (multi)letramento que favoreça o exercício de leitura com qualidade, tornando esta prática um ato prazeroso. Pois acreditamos que “ninguém começa lendo as palavras, porque antes da palavra o que a gente tem pra ler à disposição da gente é o mundo” (Paulo Freire)¹¹.

Para atingir tal objetivo sugere-se a utilização de filmes como recurso didático, fazendo com que o aluno desenvolva uma educação do olhar que o torne um sujeito crítico e capaz de compreender e associar seus novos saberes à sua vida cotidiana.

Texto selecionado no Edital Filme Cultura Edição 62

** ARTHUR FIEL é roteirista e pesquisador de narrativas infanto-juvenis. Licenciado em Letras e literaturas de língua portuguesa, é também graduando de Cinema e Audiovisual pela Universidade Federal Fluminense - UFF.*

REFERÊNCIAS

1. BELLONI, M.L. *Mídia-educação ou comunicação educacional?: campo novo de teoria e prática*. In: ____ (org.). *A formação na sociedade do espetáculo*. São Paulo: Loyola, 2002. p. 30.
2. ORLANDI, Eni. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2000, p. 40.
3. FERREIRA, A. B. de H. *Novo dicionário Aurélio*. 3. ed. São Paulo: Positivo, 2004. 1 CD-ROM.
4. SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1997.
5. ROJO, Rozane; MOURA, Eduardo (orgs.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola, 2012, p. 40.
6. apud PRETTO, Nelson de Luca. *Uma escola sem/com futuro*. São Paulo: Papyrus, 1996, p. 274.
7. MORAN, José Manuel. *Desafios na comunicação fessal*. 3 ed. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 162-166. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias_educacao/midias_educ.pdf> Acesso em: 03/05/2015.
8. NAPOLITANO, Marcos. *Como usar o cinema em sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 89.
9. apud ARAUJO, Alda Regina de; VOSS, Rita de Cássia Ribeiro. *Cinema em sala de aula: identificação e projeção no ensino/aprendizagem da Língua Inglesa*. *Conexão: comunicação e cultura*, UCS, Caxias do Sul, v. 8, n. 15, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/117>>. Acesso em: 26/03/2015.
10. Idem.
11. Paulo Freire contemporâneo. Direção de Moacir Gadotti. [S.l.]: Produção de TV Escola e Olhar imaginário, 2006. (53min'). Disponível em: <<http://tv escola.mec.gov.br/tve/video/especiais-diversos-paulo-freire-contemporaneo>>. Acesso em: 10/05/2015.

